

Futuro incerto dos derrotados

MARCONDES SAMPAIO

Mais do que derrotados na disputa presidencial, a maioria dos candidatos que não conseguiu passar para o segundo turno teve desempenho tão acanhado que torna difícil para eles a concretização dos projetos que tinham, de disputar eleições majoritárias no próximo ano. Do desastre salvaram-se apenas os candidatos do PDS, Paulo Maluf, do PSDB, Mário Covas, e do PDT, Leonel Brizola que, mesmo frustrado na sua ambição maior de conquistar a Presidência da República, ainda mostrou potencial suficiente para disputar, com grandes chances, os governos do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul ou, se preferir, uma cadeira no Senado por um desses Estados.

Brizola — A nível nacional, ficou em terceiro lugar no primeiro turno, mas teve votação extraordinária nos dois Estados por ele governados: 60% dos votos gaúchos (3.273.219 em 5.700.000) e quase metade dos votos do Rio (3.855.898 em 8.196.547). O presidente nacional do PDT, Doutel de Andrade, afirma que Brizola ainda não deu qualquer indicação a respeito do seu futuro político, mas concorda que a disputa de uma vaga no Senado "é uma hipótese". O deputado Luís Alfredo Salomão acha que Brizola será candidato a governador e entre assessores do Partido levanta-se a hipótese de ele candidatar-se à Câmara, para ajudar a eleger uma grande bancada do PDT pelo Rio de Janeiro.

Maluf — O candidato do PDS, que até o início da Nova República era um dos políticos mais estigmatizados do País, símbolo de autoritarismo e de uso da máquina administrativa em benefício dos seus projetos, deu a volta por cima em São Paulo. Por uma pequena margem, perdeu a liderança da votação de São Paulo para Fernando Collor. Com os 3.934.304 de votos que recebeu no Estado, Maluf está em condições de disputar o governo paulista com alguma chance na eleição do próximo ano.

Covas — Comparada à votação que obteve como candidato ao Senado — quase oito milhões — o desempenho do candidato do PSDB no último pleito foi menos significativo. Ele recebeu 3.802.330 votos, ficando em terceiro lugar, mas deve-se levar em conta que, além de Collor, que teve forte penetração nas camadas mais carentes e desinformadas do Estado, Covas enfrentou a concorrência de quatro outros candidatos paulistas. De qualquer modo, consolidou-se como forte postulante ao governo de São Paulo, pelo PSDB, frustrando os planos do senador Fernando Henrique Cardoso, que inclusive já havia lançado sua candidatura à sucessão do governador Orestes Quércia.

Ulysses Guimarães — Em meio à melancólica votação obtida pelo candidato do PMDB em todo o País — 4,43% — o que talvez lhe cause mais decepção é o seu desempenho em São Paulo. Ali ele teve pouco mais da metade dos votos que recebeu como candidato à Assembleia Constituinte (590.873, contra 331.576 ou 1,90% da votação do Estado), com um agravante: na disputa pela vaga da Constituinte ele tinha a concorrência de mais de mil candidatos, dos diferentes partidos. Diante do grau de rejeição que passou a ter no Estado, Ulysses não tem condição de concorrer numa eleição majoritária, embora possa ainda disputar sua décima primeira reeleição para a Câmara Federal.

Guilherme Afif — Dententor de apenas 4,63% os votos paulistas na eleição do dia 15, o candidato do PL vê distante agora seu sonho de eleger-se governador do Estado no próximo ano. O deputado Ricardo Izar, que foi um dos coordenadores da sua campanha, afirmou ontem que ainda não há qualquer definição de Afif a respeito do seu futuro e que hoje ele estará em Brasília para discutir com seus correligionários do PL o comportamento que o partido terá no segundo turno.

Roberto Freire — Ofuscado pela votação de Lula e limitado por uma votação de apenas 1,07% do eleitorado brasileiro (768.053), o candidato do PCB, que pretende liderar o que chama de "a Nova Esquerda" do País, obteve, mesmo no seu Estado — Pernambuco — apenas 3,07% dos votos. Com isso mostrou-se em condições de conseguir reeleger-se deputado federal no próximo ano.

Aureliano Chaves — O candidato do PFL é outro cujo desempenho compromete o projeto de voltar ao governo do seu Estado, Minas Gerais, onde somou apenas 230 mil votos (2,7%).

Afonso Camargo — Também pretendia candidatar-se a governar o Paraná, objetivo remoto para quem recebeu apenas 88 mil votos paranaenses (1,90%).

Ronaldo Caiado — Com 4,12% dos votos goianos, pode candidatar-se a uma cadeira de deputado federal ou retornar à Presidência da União Democrática Ruralista, por ele criada.